

Lucianne Sant'Anna de Menezes

Instituto de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
 Av. Pará n. 1720 - Bloco 2C
 Campus Umuarama
 Cep: 38405-320
 Uberlândia - MG
 Telefone: (34) 992029093
 E-mail: lucianne.menezes@ufu.br

Histórias narradas no encontro analítico: Um elogio às construções em análise

TALITA CRISTINA SOMENSI DIAS

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo o estudo e compreensão do conceito técnico de construção em análise proposto por Freud em 1937, além de compreender a utilização deste conceito a partir do pensamento de Melanie Klein e alguns de seus seguidores. Trata-se de um recorte teórico de trabalho de monografia realizado para conclusão do Curso de Formação em Psicanálise, que além de se propor a estudar parte da teoria da técnica psicanalítica é uma tentativa de uma elaboração pessoal dos conceitos pesquisados, sempre alicerçado sobre as dificuldades e inquietações do fazer clínico cotidiano. A construção, enquanto recurso técnico do psicanalista, permite o estabelecimento de ligações entre as emoções do passado e do presente. A principal razão para sua utilização é permitir que o paciente adquira um sentido de continuidade da vida e individualidade. Apesar de Klein considerar a transferência mais central do que Freud, ela também pensava que o analista deveria ligar o presente com fantasias e com a realidade do passado lembrado. Passado este que não é apenas o passado de fatos concretos, mas o passado vivido sob o colorido das projeções e fantasias, ou seja, o passado fantasiado. Neste sentido, o psicanalista narra uma verdade subjetiva, sempre envolvido pela relação transferencial (e contratransferencial), matéria-prima a partir da qual emergem as construções que auxiliam o paciente a contar uma história para seu mundo interno. O psicanalista se torna com isso o acompanhante narrador, que ao construir em análise e narrar histórias para a dor psíquica do paciente (conarração) contribui para o fortalecimento do ego, em busca da integração.

PALAVRAS-CHAVE: Construção em análise; Técnica psicanalítica; Freud; Klein; Psicanalista acompanhante narrador.

Psicanalista e
 Psicóloga. Membro
 do Departamento
 Formação em Psicanálise
 do Instituto Sedes
 Sapientiae. Professora
 do curso de Psicologia da
 Universidade Guarulhos
 - UNG. Especialista em
 Psicologia Clínica pelo
 Conselho Regional
 de Psicologia - CRP

DEFINIÇÃO DO CONCEITO

O termo construção surge em diversos momentos e ao longo de toda a obra de Freud, ora como parte da teorização sobre os principais conceitos psicanalíticos, ora como parte da teoria da técnica. Inicialmente usada como mais uma palavra no repertório freudiano, se constrói como conceito e ganha consistência teórica no artigo “Construções em análise” (1937a), que ao lado de “Análise terminável e interminável” (1937b), é um dos dois últimos artigos técnicos de Freud, após terem se passado mais de vinte anos das primeiras publicações dos artigos sobre a técnica (1911-1915[1914]).

Freud confere ao termo construção “um verdadeiro conteúdo teórico, definindo-o como uma elaboração que o analista certamente deve realizar na análise (tal como um cientista em seu laboratório) para reconstituir literalmente a história infantil e inconsciente do sujeito” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 389). O uso clínico da construção em análise, no entanto, é muito anterior à teorização conceitual, a exemplo das construções propostas à Dora (1905), ao Homem dos Ratos (1909) e ao Homem dos Lobos (1918[1914]).

Roudinesco e Plon (1998) destacam o uso permanente de um processo de construção por Freud, tanto em suas análises quanto em suas hipóteses sobre a metapsicologia ou a pulsão de morte e, ainda, em suas obras literárias sobre Leonardo da Vinci (1452-1519) ou Moisés. Com isso, não se pode falar apenas em construção do analista ou no tratamento, pois “é todo o problema das estruturas inconscientes e da estruturação pelo tratamento que é levantado pelo termo construção” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1982/2008, p.98).

Apesar da amplitude do conceito, neste artigo me ocuparei do mesmo enquanto recurso técnico, parte da teoria da técnica psicanalítica, definido por Freud da seguinte maneira:

Se nas descrições da técnica analítica se fala tão pouco sobre ‘construções’, isso se deve ao fato, de que, em troca, se fala nas ‘interpretações’ e seus efeitos. Mas acho que ‘construção’ é de longe a descrição mais apropriada. Interpretação aplica-se a algo que se faz a algum elemento isolado do material, tal como uma associação ou uma parapraxia. *Trata-se de uma construção, porém, quando se põe perante o sujeito da análise um fragmento de sua história primitiva*

que ele esqueceu. (FREUD, 1937a, p. 279)

Freud compara o trabalho do analista ao do arqueólogo, que por meio das escavações das moradas destruídas e soterradas reconstrói o passado. No entanto, trabalharíamos em melhores condições, pois diferente do arqueólogo o analista não trabalha com material destruído, mas com “algo ainda vivo” (FREUD, 1937a, p.277). O material vivo da análise se apresentaria por meio das repetições, “ao vivo e a cores”, na vida atual, de reações e relações que datam da tenra infância, além dos atos falhos, sonhos, associações livres e tudo mais que é indicado pela transferência. A relação de transferência é especificamente calculada para favorecer o retorno dessas conexões emocionais. “É dessa matéria-prima – se assim podemos descrevê-la – que temos de reunir o que estamos à procura.” (FREUD, 1937a, p.276)

Tendo dito isto, trago para a conversa o caso Homem dos Ratos (1909), descrito por Peter Gay (2010, p. 249) como “pequeno festim de técnica psicanalítica aplicada e explicada”. Sobre seu paciente, Freud (1909) conta, quase de maneira romaneada, que após a morte do pai, a mãe fez um acordo com parentes ricos, os quais prometeram uma de suas filhas em casamento, assim que o paciente tivesse terminado seus estudos. O plano familiar desencadeou um conflito entre permanecer fiel à amada ou seguir os passos do pai e se casar com a rica jovem que lhe haviam prometido. “E resolveu esse conflito, que de fato existia entre o amor e a persistente influência dos desejos do pai, ficando doente; ou melhor, caindo doente evitava a tarefa de resolvê-lo na vida real.” (FREUD, 1909, p. 174)

Logo as características do complexo paterno se repetiram por meio das “fantasias de transferência” (p. 175), que fizeram o paciente vivenciar, com o analista, uma situação passada como se fosse um fato novo. Certa vez, ao ver uma jovem na recepção de seu analista, o paciente imaginou se tratar da filha dele. Na fantasia do paciente, Freud só o suportaria porque queria torná-lo seu genro, porém seu amor pela dama se opunha a este desejo, levando a repetição do conflito com a figura paterna na relação transferencial. “Após atravessarmos uma série das mais severas resistências e das mais amargas injúrias de sua parte, ele não podia mais permanecer cego ao efeito esmagador da perfeita analogia entre a fantasia de transferência e o estado atual dos acontecimentos passados.” (FREUD, 1909, p. 175)

Portanto, é a partir das indicações na transferência, assim como da escuta da história, dos sonhos, das associações livres que o psicanalista terá o material que “nos ajuda a fazer construções sobre o passado esquecido, bem como sobre o que está acontecendo no momento, sem que o (paciente) compreenda” (FREUD, 1940[1938], p. 192). A partir da compreensão da transferência e da escuta da história, Freud (1909) pôde compreender a ambivalência do Homem dos Ratos em relação ao pai, apresentando-lhe, com isso, a seguinte construção:

Partindo dessas indicações e de outros dados de natureza semelhante arrisquei-me a apresentar uma *construção* (*grifo meu*) segundo a qual, ele, quando criança de menos de seis anos, fora culpado por alguma má conduta relacionada com a masturbação, tendo sido duramente castigado por seu pai, por isso. Essa punição, consoante com minha hipótese, pusera, era verdade, um fim em sua masturbação; contudo, por outro lado, deixará atrás de si um rancor inextinguível pelo seu pai e o fixará para sempre em seu papel de perturbador do gozo sexual do paciente. (FREUD, 1909, p. 179)

As construções em análise, portanto, desde Freud, são feitas a partir da vivência transferencial, não sendo apenas explicações intelectualizadas sobre a história de vida do paciente. A verdade que se constrói neste caminho não pode ser outra senão a verdade histórica (FREUD, 1937a), diferenciada da verdade material, ou a verdade factual. A verdade histórica ser compreendida, em outras palavras, como a verdade do mundo interno ou em conceituações de autores contemporâneos a Freud, a realidade interna.

Algo muito interessante a se notar é a comparação que Freud (1937a/2006) estabelece entre os delírios dos pacientes “como uma tentativa de cura ou uma reconstrução” (FREUD, 1924[1923]/2006, p.169) e as construções em análise (FREUD, 1937a/2006, p. 286).

Os delírios dos pacientes parecem-me ser os equivalentes das construções que erguemos no decurso de um tratamento analítico, tentativas de explicação e cura, embora seja verdade que estas, sob as condições de uma psicose, não podem fazer mais do que substituir o fragmento da realidade que está sendo

rejeitado no passado remoto.

Enquanto o delírio apenas substitui o fragmento da realidade, o analista oferece, por meio das construções, a possibilidade de reconstrução da personalidade, reconstrução feita a partir de material vivo da transferência, como Freud nos ensina. Com isso, destaco o papel asseverado por Freud (1937a) às construções como parte do projeto de cura analítica. O efeito terapêutico de tornar consciente o que está reprimido, fator de cura para a psicanálise, acontece por meio do preparo para um caminho de conscientização “mediante interpretações e construções” (FREUD, 1937b/2006, p.255). A análise consistiria, no sentido dado por este texto, em um processo de fortalecimento do ego, sendo o analista um aliado do ego enfraquecido pelas exigências pulsionais, bem como pelos conflitos com o superego e a realidade externa.

CONSTRUÇÕES EM ANÁLISE NA TÉCNICA KLEINIANA

A construção foi um recurso técnico utilizado por Freud, durante seu trabalho clínico, inclusive com um texto dedicado ao mesmo, o que comprova sua importância. E o que dizer sobre o pensamento kleiniano? Haveria espaço para construções em análise na técnica de Melanie Klein e de seus seguidores? Spillius (1990), em estudo sobre as evoluções da técnica kleiniana, aponta mudanças importantes, ocorridas após as décadas de 1960 e 1970, como a interpretação mais balanceada da destrutividade e a diminuição das interpretações na linguagem de objeto parcial. Neste ínterim a autora destaca a maior atenção dada à questão da reconstrução. “Atualmente há muito interesse em relação à *reconstrução* (*grifo meu*) e às formas alternativas de interpretação, do modo pelo qual as experiências passadas se expressam na interação paciente-analista.” (p. 19)

Klein (1957) menciona a questão da reconstrução na primeira parte do livro *Inveja e gratidão*, concordando com a ideia de Freud de que a investigação do passado, bem como da infância e do inconsciente do paciente, é uma precondição para a compreensão da personalidade adulta. Afirma, ainda, que a partir da observação de crianças pequenas, comprovou os achados freudianos, assim como pôde chegar a novas conclusões sobre os estágios anteriores e relações mais primitivas. Ela considera muito convincente a passagem em que Freud compara o trabalho

do psicanalista ao do arqueólogo, bem como legítima “o direito e de fato a necessidade de reconstruir pormenores e dados a respeito dos estágios mais iniciais a partir do material que nos é apresentado pelos pacientes” (KLEIN, 1957, p. 208).

Klein (1957) e outros autores utilizam, em seus textos, o termo reconstrução no lugar de construção (BRENMAN, 1980; JOSEPH, 1985; MALCOLM, 1986; SPILLIUS, 1990, 2007; LEVY, 2008), assim como Freud também parece em alguns momentos não os distinguir. Ao consultar outros artigos psicanalíticos, que tratam desta temática, encontrei expressões como ligação ou elos entre o presente e o passado, ligações com a história lembrada, “interpretações genéticas” (MALCOLM, 1986, p. 85) e “interpretações de reconstrução da história” (LEVY, 2008), todas estas definidas como aquelas que fazem ligações entre a interpretação do presente e o passado histórico do paciente, como parte de um projeto de reconstrução do passado.

Embora Freud não pareça distinguir entre “construções e reconstruções”, pelo menos no artigo em discussão (“Construções em análise”) a distinção estabeleceu-se, é útil e vale a pena preservar. A construção tende a ser vista como sugestões vindas do analista, que se relacionam com questões mais imediatas, por exemplo, em uma determinada sessão, enquanto a reconstrução se refere mais ao trabalho conjunto durante longos períodos de tempo em que o analista e paciente criam uma Imagem dos pacientes ‘Estrutura psíquica e seu lugar dentro de sua própria história’ (BELL, 2011, p. 102 - *tradução nossa*)^[1]

Em concordância com o autor, sugiro a manutenção do termo construção em análise, no sentido técnico definido por Freud (1937a), toda vez que ficar explícito, no material apresentado, que há uma tentativa de estabelecer ligações entre as emoções do passado e do presente, pois “trata-se de uma construção, quando

1. “Although Freud does not seem to distinguish between ‘constructions and reconstructions’ at least in the paper under discussion, the distinction has established itself within the literature, and it is one that is helpful and worth preserving. Construction tends to be viewed as suggestions coming from the analyst that relate to more immediate issues, for example within a particular session, whereas reconstruction refers more to the joint work over longer periods of time in which analyst and patient build up a picture of the patients ‘psychic structure and its place within their own history’.” (BELL, 2011, p. 102).

se põe perante o sujeito da análise um fragmento de sua história primitiva que ele esqueceu” (FREUD, 1937, p. 279). Ao processo mais amplo, próprio à psicanálise enquanto psicologia profunda que permite a reorganização e o recontar da própria história, reservo o termo reconstrução.

O tema da reconstrução e das construções, segundo Spillius (1990), ocupa os debates dos psicanalistas (escola inglesa), porém as opiniões são divergentes. Para alguns psicanalistas, “se há ligações a serem feitas com eventos reais do passado, que de qualquer modo só podem ser conhecidas através do filtro das projeções do paciente, o paciente fará essas ligações por si mesmo” (p. 28).

Ora, se o que se repete são conflitos infantis – atualizados – não há o porquê de se tentar reconstruir situações do passado numa sessão analítica. As interpretações transferenciais já são um modo de tocar no passado e a possibilidade dessa repetição, bem acolhida e interpretada pelo analista, facilitará recordações e consequentes elaborações. Só desejo e memória, no sentido de impedirem a vivência emocional, necessária para o paciente, com o analista forçarão ‘recordações’ e contato do paciente com sua história. (COLOGNESE, 1999, p. 192)

No entanto, continuando com Spillius (1990), atualmente a maioria dos analistas kleinianos considera a ligação explícita com o passado histórico uma parte crucial do processo psicanalítico, que enriquece o significado da experiência psicanalítica. A principal razão para utilizar interpretações que fazem ligações entre o passado histórico e passado, que aparece na transferência, é permitir que o paciente adquira um sentido de continuidade da vida e individualidade, o que contribui para o fortalecimento e integração do ego. (BRENMAN, 1980; JOSEPH, 1985; MALCOLM, 1986). Além disso, a análise ajudaria o paciente a se libertar de uma percepção anterior e mais distorcida do passado (JOSEPH, 1985), o que é possível na presença do analista, como representante de um ego mais fortalecido do que os objetos originais (STRACHEY, 1934).

É inerente ao homem procurar o conhecimento, pesquisar e descobrir. Para ele parece importante indagar, sobre suas origens, descobrir suas raízes; ele precisa de raízes e objetos, não pode funcionar sozinho. Em minha opinião

o fato de conhecer seus antecedentes lhe dá uma sensação de continuidade e de sentido. Só se ele tiver uma sensação de pertinência é que pode adquirir sua própria identidade. A reconstrução é importante como um caminho para redescobrir raízes, objetos passados e partes perdidas do self. (BRENMAN, 1980, p. 127)

Segundo Spillius (2007), apesar de Klein considerar a transferência mais central do que Freud, ela também pensava que o analista deveria ligar o presente com fantasias e com a realidade do passado lembrado. Percebo, com isso, que Klein também acreditava que deveríamos construir em análise (a exemplo de sua própria afirmação em 1957), desde que o psicanalista não se afaste da situação transferencial, em favor de interpretações explicativas e racionalizadas. Afinal, desde Freud (1940[1938]), sabe-se que a convicção emocional do paciente surge a partir da vivência transferencial.

Neste sentido, concordo com a preocupação de alguns autores no que diz respeito ao risco de as construções afastarem a dupla analítica da relação transferencial e da experiência emocional da sessão, se não utilizadas corretamente. Em um estudo muito interessante, Oliveira Silva (2013) destaca que o analista está entranhado no passado e no presente do paciente, mesmo que não perceba. “Então, o presente e o passado, na pessoa do analista, contaminam de tal maneira o processo que podem paralisá-lo se não forem trabalhados.” (p. 89) O autor cita o caso Dora (1905), no qual Freud fez uma verdadeira exegese do passado histórico da paciente. Ele montou e remontou o passado de Dora, a partir de sonhos, lembranças e sintomas, porém isto não impediu a interrupção precoce da análise. Apesar do intenso trabalho e das ricas reflexões sobre o passado esquecido de sua paciente, “(...) Freud não trabalha os sentimentos atuais que foram deflagrados por ele próprio. Não há uma admissão verdadeira de um sentimento atual dirigido para a pessoa do analista como tal”. (OLIVEIRA SILVA, 2013, p.101)

Com isso Freud (1905) ensinou a todos nós, a partir de sua própria experiência, a não negligenciar o presente e a atualidade dos sentimentos, pensamentos, fantasias que brotam da/na relação transferencial. A interpretação transferencial, portanto, mantém sua importância intocada. Isto, porque há durante a análise constantes flutuações entre o passado e o presente, entre o antigo

e o atual, assim como entre objetos amados e odiados, objetos internos e externos e ambos aspectos da personalidade do paciente precisam ser considerados. Deste modo, temos com Klein (1952, p. 79):

Com isso, quero dizer que nosso campo de investigação cobre tudo aquilo que se situa entre a situação presente e as primeiras experiências. Na realidade, é impossível encontrar acesso às emoções e relações de objetos mais antigas a menos que se examinem suas vicissitudes à luz de desenvolvimentos posteriores. Somente através da ligação contínua das experiências mais recentes com as anteriores e vice-versa (e isso significa um trabalho árduo e paciente), somente explorando consistentemente a interação dessas experiências é que o presente e o passado podem se aproximar na mente do paciente. Este é um aspecto do processo de integração, o qual, à medida que a análise progride, abrange a totalidade da vida mental do paciente.

Nesse trecho do artigo “As origens da transferência”, apesar de não haver menção ao termo construção, quando Klein (1952) fala sobre ligação contínua entre as experiências mais recentes com as anteriores, compreendo que está referindo a este importante recurso técnico do psicanalista. Levando em conta a importância da interação entre as experiências antigas e recentes, Joseph (1985) alerta para a necessidade de o psicanalista se perguntar em qual momento as construções deveriam ser oferecidas ao paciente, o que não significa que seriam desaconselhadas.

Klein, em uma de suas “Notas sobre técnica não publicadas (D17)”^[2] (SPILLIUS, 2007), afirma não ser fácil decidir em favor de uma ordem definida por meio da qual o psicanalista deve voltar ao passado. “Outra questão importante, aqui, é o *equilíbrio (grifo nosso)* entre interpretações referentes à transferência e

2. Klein deixou um conjunto de conferências não publicadas sobre a técnica, com mais de 1.500 páginas de anotações dedicadas exclusivamente aos problemas técnicos. Esses arquivos estão na Sociedade Britânica de Psicanálise e foram estudados por Spillius (2007). De acordo com a autora, não há como saber com exatidão o ano em que foram escritos. A partir dos registros da Sociedade Britânica de Psicanálise, Klein teria proferido seminários sobre a técnica em 1936 e depois em 1945-46. Sabe-se, no entanto, que ela também proferiu seminários e conferências até sua morte em 1960. A Nota D17 provavelmente teria sido escrita nos anos 1950. .

ao espaço e tempo dados para a reconstrução e a expressão de situações passadas do paciente.” (SPILLIUS, 2007, p. 151) A autora recomenda, nessa mesma nota, que o psicanalista não esqueça de que em algumas ocasiões pode haver certa fuga da situação transferencial para o passado, quando algum sentimento como a culpa não puder ser revivido na transferência. Neste caso, a persistência com as construções poderia ter um uso defensivo, visto que o psicanalista se associaria ao paciente (JOSEPH, 1985) para não enfrentar as angústias despertadas no presente.

Em outras palavras, o passado pode se tornar tão opressivo (despertar angústia) que há uma constante volta para a situação transferencial. “O jeito de saber é avaliando onde está a maior ênfase nesse momento, na angústia ou na culpa, e isso deve guiar-nos.” (SPILLIUS, 2007, p. 151-2) Guiado pelo ponto de urgência do material apresentado na sessão (aqui agora) pode-se decidir em favor da interpretação ou da construção. Talvez se trate muito mais do necessário cuidado do analista, que, da mesma forma que contrabalança as interpretações da transferência positiva e negativa, poderia fazer o mesmo com as interpretações e as construções, num constante ir e vir entre o passado e o presente, como etapas do processo de integração.

A QUAL PASSADO AS CONSTRUÇÕES SE REFEREM?

O passado ao qual se dirigem as construções não é apenas o passado de fatos concretos, mas o passado vivido sob o colorido das projeções e fantasias, ou seja, o passado fantasiado^[3] Neste sentido, “(...) o psicanalista narra uma verdade subjetiva (...)” (PERSICANO, 2001, p. 56), sendo a construção um recurso técnico do psicanalista que, envolvido pela relação transferencial e contratransferencial (em estreita ligação com a identificação projetiva), auxilia o paciente a contar uma história para seu mundo interno. Trata-se, portanto, de “construções em análise na transferência” (PERSICANO, 2001, p.53), que permite, no encontro analítico,

3. Klein deixou um conjunto de conferências não publicadas sobre a técnica, com mais de 1.500 páginas de anotações dedicadas exclusivamente aos problemas técnicos. Esses arquivos estão na Sociedade Britânica de Psicanálise e foram estudados por Spillius (2007). De acordo com a autora, não há como saber com exatidão o ano em que foram escritos. A partir dos registros da Sociedade Britânica de Psicanálise, Klein teria proferido seminários sobre a técnica em 1936 e depois em 1945-46. Sabe-se, no entanto, que ela também proferiu seminários e conferências até sua morte em 1960. A Nota D17 provavelmente teria sido escrita nos anos 1950. .

a criação de uma nova história compartilhada.

A maioria dos pacientes após uma análise suficientemente boa deve dizer: “é estranho, não aprendi nada em termos de meu passado que eu não conhecia, o que eu aprendi foi sobre o significado, o significado para mim, seus efeitos contínuos sobre minha vida. (BELL, 2011, p. 107 – *tradução nossa*)^[4]

A construção está envolvida pela relação transferencial, pois o analista não oferece apenas explicações didáticas e intelectuais sobre a história do paciente; ele vivencia intensamente a relação e desta emergem os fragmentos que permitem a elaboração da construção, ligando a história ao passado que se faz presente na relação transferencial. “A reconstrução em análise baseou-se não apenas em uma compreensão intelectual da situação de transferência, mas no modo como foi vivenciada entre nós como ‘situação total’.” (BELL, 2011, p.116 – *tradução nossa*)^[5]

No caso do paciente neurótico, as construções auxiliam no processo de reconstrução do passado fantasiado e da personalidade como um todo, pois o registro simbólico está instalado. Em casos mais graves, como de pacientes psicossomáticos, o analista constrói onde ainda não há uma fantasia e um significado para serem interpretados, inaugurando a possibilidade de uma vida psíquica na transferência, construindo um caminho do somático ao psíquico (PERSICANO, 2013).

Deste modo, os fatos acontecidos são colocados em narrativa, através da construção de uma história mítica (FERRO, 1998), ou “histórias-ficções” (PERSICANO, 2001, p. 57), posto que o mundo de fantasias (realidade psíquica) e as experiências do mundo externo se entrelaçam e influenciam mutuamente. Através da narrativa, criada pela dupla analítica, constrói-se um caminho para a transformação dos fenômenos protometais em fenômenos psíquicos (LEVY, 2008).

4. “The reconstruction in the analysis was based not only on an intellectual understanding of the transference situation, but on the way it was lived out between us as a ‘total situation’.” (BELL, 2011, p.116)

5. “Most patients after a good-enough analysis might say, ‘It’s strange, I learnt nothing in terms of my past that I did not already know, what I did learn about was its significance, its meaning to me, its continuing effects upon my life.” (BELL, 2011, p. 107). .

Sobre a narração diz Ferro (2000, p. 17-8):

(...) falo daquela maneira de o analista estar na sessão enquanto participa com o paciente da construção de um significado de forma altamente dialógica, sem grandes cesuras interpretativas. Como se analista e paciente construíssem juntos uma *piece* teatral, e no interior delas os enredos crescem, se articulam, se desenvolvem, às vezes de forma imprevisíveis e impassíveis para os dois conarradores, sem que exista entre eles um depósito forte de uma verdade pré-constituída. Nesta forma de proceder, a transformação conarrativa, ou até mesmo a conarração transformativa, toma o lugar da interpretação.

Ferro (1998), com base no modelo de pensamento descrito por Bion (1962), destaca que a necessidade de narrar é ainda maior diante do medo, de angústias e terrores mais primitivos que colocam o “narrador interno à prova além da conta”^[6] (p. 176). Neste sentido, “é para dar uma resposta a medos e angústias próprias que estes são transformados narrativamente e, ao invés de tornarem-se sintoma ou comportamento, tornam-se histórias (filmes, contos, pintura, etc.)” (p. 175). Histórias ativadas pelo medo e pela necessidade de narrar, tal como os contos de fadas contados às crianças antes de dormirem para ajudá-las a sonhar. É importante notar que o conto de fadas precisa ser contado e não lido ou visto em vídeo, trazendo para a cena a importância da fala do narrador e a forma como a história é contada. Na sala de análise o analista, como “acompanhante narrador” (FERRO, 1998, p. 177), alia-se ao narrador paciente que “se esforça por construir uma história para sua dor psíquica” (PERSICANO, 2001, p. 57).

O que gostaria de enfatizar aqui é que na prática clínica, ao contrário da teoria, analisar a verdade e as resistências se o paciente não tiver um objeto que

6. O autor se utiliza da figura do narrador interno descrita por Bion (1962) quando fala da função-alfa e do aparelho para pensar os pensamentos. A capacidade de pôr-se à prova, para Ferro (1998), diz respeito à consciência de até onde se pode ir, o que no caso do analista se refere até que ponto pode chegar ao analisar um paciente, com base na própria análise, no funcionamento mental e no grau de tolerância à frustração. O medo e a angústia aumentam toda vez que a capacidade de pensar e de narrar não dá conta de metabolizar a intensidade das emoções.

suporte com ele o que é sentido como insuportável, não só no presente como também no passado, um objeto que possa “acompanhar” o paciente nessa exploração. A análise não responde a questões históricas, mas dá segurança para que possam ser exploradas. (BRENMAN, 1980, p. 129)

Segurança propiciada pela continência (BION, 1962) do psicanalista, que auxilia na metabolização de angústias insuportáveis enquanto conta/narra histórias (conarração) que muitas vezes nunca haviam sido contadas. Nesse percurso, as construções feitas “tijolinho a tijolinho”^[7], auxiliam o paciente a fazer pequenos *insights* em uma construção narrativa, ou uma história mítica (FERRO, 1998), que surge a partir da interação da mente do analista com a do paciente. “Aqui a análise se torna além de um processo de reconstrução e descoberta, a substituição de uma verdade narrativa por outra que é mais útil. A partir dessa perspectiva mais relativista, as reconstruções são apenas histórias que contamos.” (BELL, 2011, p. 106 – *tradução nossa*)^[8] Dentre as histórias contadas, é preciso dar lugar a algo inédito que se inaugura a partir do encontro analítico, pois uma nova história compartilhada é construída nesse “campo bi-pessoal” (FERRO, 1998) criado a partir do encontro entre duas mentes na sala de análise.

Narrated stories in the analytical encounter: a compliment to the analysis constructions

ABSTRACT: *This article aims to study and comprehend the technical concept of the construction in analysis proposed by Freud, in 1937, as well as understand the use of this concept by Melanie Klein's thoughts and her followers. It is part of the monography for the Formação em Psicanálise course, which aims to study*

7. Expressão utilizada pela Prof. Dra. Maria Luiza Scrosoppi Persicano durante supervisões clínicas.
8. “Here analysis becomes not reconstructing and discovering, but more like the replacement of one narrative truth for another that is more serviceable. From this more relativistic perspective reconstructions are just stories we tell.” (BELL, 2011, p. 106)

part of the psychoanalytical technique and is also an attempt of a personal elaboration of the researched concepts, always grounded in the difficulties and worries of the daily clinical practice. The construction, as a technical resource of the psychoanalyst, permits the establishment of links between the past and present emotions. The main reason for its utilization is to allow the patient acquire a sense of continuity of life and individuality. Even though Klein considered transference more central than Freud, she also thought that the analyst should link the present with fantasies and with the reality of the remembered past. Past that is not only the past of concrete facts but the living past under the colorful projections and fantasies, in other words, the fantasized past. In this way, the psychoanalyst narrates a subjective truth always involved with the transference (counter-transference) relation, raw material from which emerges the constructions that help the patient tell a story to his inner world. The psychoanalyst becomes with this, an accompanying narrator that by constructing in analysis and narrating stories for the patient's psychic pain contributes for the strengthening of the ego, in search of the integration.

KEYWORDS: *Construction in analysis; Psychoanalytical technique; Freud; Klein; Psychoanalyst accompanying narrator.*

REFERÊNCIAS

- BRENNAN, E. (1980) O valor da reconstrução na psicanálise de adultos. In: ROCHA BELL. Knowledge as fact and knowledge as experience: *Freud's "Constructions in analysis"*. In: Freud's constructions in analysis. Londres: Karnac, 2011. (Contemporary Freud Turning Points and Critical Issues - International Psychoanalytical Association)
- BION, W. (1962) *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- COLOGNESE JUNIOR, A. Sem memória e sem desejo: O valor da reconstrução em análise, uma breve reflexão sobre questões técnicas. *Boletim Formação em Psicanálise*. São Paulo, v. 21, n.1, p. 189-193, jan./dez. 2013.
- FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- (1905[1901]) Fragmentos da análise de um caso de histeria, v.7.
- (1909) Notas sobre um caso de neurose obsessiva, v.10.
- (1911-1915[1914]) Artigos sobre técnica, v. 12.
- (1918[1914]) História de uma neurose infantil, v. 12.
- (1924[1923]) Neurose e psicose, v.19.
- (1937a) Construções em análise, v. 23.
- (1937b) Análise terminável e interminável, v. 23.
- (1940[1938]) Esboço de psicanálise, v. 23.
- FERRO, A. *Na sala de análise: Emoções, relatos, transformações*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- _____. Narrações e interpretações. In: *A psicanálise como literatura e terapia*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- _____. Transformações em sonho e personagens no campo analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 43, n. 2, p. 89-107, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000200010 Acesso em: 10/02/2015.
- GAY, P. *Freud uma vida para nosso tempo*. (Trad. Denise Bottmann). 17. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- JOSEPH, B. (1985) Transferência: situação total. In: *Melanie Klein hoje: Desenvolvimento da teoria e da técnica*. v.2 - Artigos predominantemente técnicos. (Trad. Belinda Piltchen Harber). Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Nova Biblioteca de Psicanálise)
- KLEIN, M. (1952) As origens da transferência. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. (Trad. Belinda H. Madelbaum et.al.). 4. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1957) Inveja e gratidão. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. (Trad. Belinda H. Madelbaum et.al.). 4. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. (Trad. Pedro Tamen). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LEVY, R. História e/ou psicanálise? E qual é o papel do historiador/psicanalista ou da dupla analítica nesta construção [Comentário à entrevista de Fernando Novais]. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 42, n. 2, p. 32-36. jun.2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>

php?id=S048641X2008000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 15/02/2015.

MALCOLM, R.R. (1986) Interpretação: O passado no presente. In: *Melanie Klein hoje*: Desenvolvimento da teoria e da técnica. v. 2 – Artigos predominantemente técnicos. (Trad. Belinda Piltchen Harber). Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Nova Biblioteca de Psicanálise)

MONEY-KYRLE, R. Contratransferência normal e alguns de seus desvios. In: *Melanie Klein hoje*: Desenvolvimento da teoria e da técnica. v. 2 – Artigos predominantemente técnicos. (Trad. Belinda Piltchen Harber). Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Nova Biblioteca de Psicanálise)

OLIVEIRA SILVA, E. de. A importância do presente na clínica psicanalítica freudiana: Clínica das pulsões?. *Boletim Formação em Psicanálise*. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 85-111, jan./dez. 2013.

PERSICANO, M. L. S. Construções em análise na transferência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 4, n. 2, p. 53-66, mar.2001. Disponível em:

<http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/revistas/volume04/n2/construcoes_em_analise_na_tranferencia.pdf>. Acesso em: 05/05/2014.

_____. *A ímago somatossensitiva na fantasia somática*. São Paulo: Escuta, 2013.

PICK, I.B. (1985) Elaboração na contratransferência. In: *Melanie Klein hoje*: Desenvolvimento da teoria e da técnica. v. 2 – Artigos predominantemente técnicos. (Trad. Belinda Piltchen Harber). Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Nova Biblioteca de Psicanálise)

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. (Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SPILLIUS, E. B. Introdução. In: *Melanie Klein hoje*: Desenvolvimento da teoria e da técnica. v. 2 – Artigos predominantemente técnicos. (Trad. Belinda Piltchen Harber). Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Nova Biblioteca de Psicanálise)

_____. *Uma visão da evolução clínica kleiniana*: Da antropologia à psicanálise.

(Trad. Tania Mara Zacberg). Rio de Janeiro: Imago, 2007.

STRACHEY, J. (1934) The nature of the therapeutic action of psycho-analysis. *J Psychother Pract Res*, v. 8, n. 1, p. 66-82, Winter, 1999. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3330522/> Acesso em: 26/05/2015.

Talita Cristina Somensi Dias

Rua General Osório, 450. Sala 207 - Centro

Guarulhos - SP

(11) 2087 2532 / 99169 6126

talita.somensid@gmail.com